

**RESSIGNIFICAÇÃO DISCURSIVA EM DIFERENTES CONTEXTOS:
LINGUÍSTICA POPULAR E LUDOLINGUÍSTAS¹**

**DISCURSIVE RESIGNIFICATION IN DIFFERENT CONTEXTS: FOLK
LINGUISTICS AND LUDOLINGUISTAS**

Roberto Leiser Baronas¹

Universidade Federal de São Carlos

Resumo: Neste artigo, num primeiro momento, com certo vagar, apresentamos as reflexões de Marie-Anne Paveau (2019a, 2019b e 2020) sobre a questão da resignificação discursiva. Na sequência, testamos essa proposta em dados distintos dos quais a pesquisadora mobilizou. Trata-se de um pequeno conjunto de textos que resignificam por um lado o branqueamento de Machado de Assis e, por outro, algumas das falas insultuosas de Jair Bolsonaro desferidas a distintos atores sociais. Por último, a partir da categoria de ludolinguista, proposta por Paveau (2008/2018/2020) e, com base num conjunto de dados, que tornam em derrisão a atuação desastrosa de Jair Bolsonaro frente às queimadas da Amazônia e do Pantanal, bem como a sua atuação pouco eficaz frente ao controle de preços de alguns produtos, representados metonimicamente pelas designações *Bolsonero* e *Bolsocaró*, propomos a categoria de resignificação humorística. Entendemos com base nas análises que a resignificação discursiva, especialmente a humorística, pode se tornar numa importante ferramenta de combate aos discursos de ódio, que circulam atualmente na nossa sociedade e que cristalizam as mais variadas relações de poder.

Palavras-chave: discurso, resignificação e linguística popular.

Abstract: In this paper, at first, with some vagueness, we present the reflections of Marie-Anne Paveau (2019a, 2019b and 2020) on the issue of discursive resignification. Then, we tested this proposal on different data that Marie-Anne Paveau mobilized. It is a small set of texts that resignify, on the one hand, the whitening of Machado de Assis and, on the other, some of Jair Bolsonaro's insulting speeches given to different social actors. Finally, based on the category of ludolinguist, proposed by Paveau (2008/2018/2020) and, based on a set of data, which make Jair Bolsonaro's disastrous performance in the face of the Amazon and Pantanal fires, as well as its ineffective performance in relation to the price control of some products, metonymically represented by the designations *Bolsonero* and *Bolsocaró*, we propose the category of humorous resignification. Based on the analysis, we understand that discursive resignification, especially humorous, can become an important tool to combat hate speech, which currently circulates in our society and which crystallize the most varied power relations.

Keywords: discourse, resignification and popular linguistics.

¹ Uma versão em inglês bastante modificada deste artigo foi publicado em co-autoria com as colegas Julia Lourenço Costa e Tamires Cristina Bonani Conti, na Revista da ANPOLL, v. 52, n. 01 em 2021. Este texto está disponível em <https://revistadaanpoll.emnuvens.com.br/revista/article/view/1530>

¹ Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela FCL-UNESP- Câmpus de Araraquara – SP, Professor no Departamento de Letras – DL - no Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL - da UFSCAR, no Programa de Estudos da Linguagem – PPGEL - da UFMT e pesquisador do CNPq: nível 1D. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0758-0370>. E mail: baronas@ufscar.br

Primeiras palavras

No conto *A Igreja do Diabo*² - talvez um dos mais belos e pertinentes da literatura brasileira do ponto de vista de uma crítica sociológica e metafísica, dado o seu caráter explicativo da eterna contradição humana -, Machado de Assis ao reconstruir o imaginário social que historicamente construímos do diabo, mostra ao leitor, com rara maestria, que nas práticas discursivas literárias a ressignificação é uma das condições fundamentais para alçar o texto (ordinário) à condição de literário. Observemos o trecho apresentado a seguir:

- Sim, sou o Diabo, repetia ele; não o Diabo das noites sulfúreas, dos contos soníferos, terror das crianças, mas o Diabo verdadeiro e único, o próprio gênio da natureza, a que se deu aquele nome para arredá-lo do coração dos homens. Vede-me gentil e airoso. Sou o vosso verdadeiro pai. Vamos lá: tomai daquele nome, inventado para meu desdouro, fazei dele um troféu e um lábaro, e eu vos darei tudo, tudo, tudo, tudo, tudo...

Era assim que falava, a princípio, para excitar o entusiasmo, espertar os indiferentes, congregar, em suma, as multidões ao pé de si. E elas vieram; e logo que vieram, o Diabo passou a definir a doutrina. A doutrina era a que podia ser na boca de um espírito de negação. Isso quanto à substância, porque, acerca da forma, era umas vezes sutil, outras cínica e deslavada.

No excerto apresentado, o diabo se apresenta como "próprio gênio da natureza" em contradição com o imaginário em torno da sua figura, construído pela doxa como aquele "das noites sulfúreas" e o "terror das crianças". Vê-se que Machado de Assis, portanto, erige este personagem ressignificando sua caracterização. Todavia, para além e aquém do texto literário, este artigo se propõe a refletir especialmente sobre como, por meio das novas práticas discursivas digitais, os não-linguistas ressignificam os insultos proferidos por Bolsonaro a diferentes atores sociais.

Vivemos a *Era da Ciberviolência*, potencializada em função do isolamento social decretado pela OMS, por conta da Pandemia da Covid19. Estamos cada vez mais conectados e, por conta disso, menos tolerantes e talvez mais violentos, especialmente em relação ao que consideramos como *o diferente* de nós. A estas pessoas, muitas vezes escondidos no anonimato de um perfil falso, possibilitado pelo digital, sequer indicamos a possibilidade de elas se defenderem. É preciso então se quisermos viver numa democracia, possibilitar para além do dissenso, que os sujeitos ofendidos tenham minimamente acesso a conhecimentos discursivos que lhes possibilite a formulação de certo número de respostas tecnodiscursivas à ciberviolência discursiva, ou mesmo a

² Conto publicado originalmente em 1884 no livro *Histórias sem data*. Texto disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bv000195.pdf>> Acesso: 10/07/2020.

obstruções discursivas de outras naturezas, aspecto raramente tratado no campo da violência verbal em geral, especialmente pré-digital, mas que, evidentemente, faz parte do fenômeno. É cada vez mais necessário abordar as respostas tecnodiscursivas aos discursos violentos e agressivos não somente on-line, em que elas são visíveis, devido à publicidade e à investigabilidade das interações; pois elas são menores e, às vezes, é impossível reuni-las no quadro da violência verbal off-line, especialmente a privada. Elas devem ser igualmente consideradas em uma análise do discurso digital porque elas são objeto de certo número de metadiscursos processuais on-line: de acordo com a natureza eminentemente reflexiva da internet, conselhos, guias e recomendações são abundantes, explicando como tratar a violência verbal on-line. Atesta a premência desse tipo de abordagem discursiva, o artigo *Mulheres negras sob ataque*³ nas redes, publicado na *Folha de S. Paulo* de Maria Gal, em 27/07/2020:

Às vésperas do Dia de Tereza de Benguela, Dia Nacional da Mulher Negra (25 de julho), eu, mulher negra, atriz, fui atacada nas minhas redes sociais por mais uma ação racista que tenta calar e desumanizar afro-brasileiras. O racismo se manifestou por xingamento atribuído à animalização, ofensa racial que tenta retirar de negros e negras o direito de sermos tratadas como seres humanos. Não se trata somente de caso isolado ou dirigido apenas à minha pessoa, é direcionado contra 56% da população brasileira: 118 milhões de negras e negros. E, por isso, é preciso reagir e falar publicamente sobre racismo e discriminação racial.

Um pouco sobre ressignificação

Antes de adentrarmos na discussão mais discursiva sobre a ressignificação, é preciso dizer que para além da literatura, essa prática discursiva está bastante presente no nosso cotidiano e em espaços e ambientes, que talvez nem possamos imaginar, mesmo naqueles que, por puro preconceito, designamos como menos *cult*. Por exemplo, até meados dos anos oitenta do século passado, chamar um torcedor palmeirense de *porco* era um insulto gravíssimo aos torcedores dessa agremiação esportiva. Até essa data por conta de uma querela esportiva com maior rival, o Corinthians, *porco* era sinônimo de ofensa aos palmeirenses. Isso se deu por conta de um pedido corintiano de inclusão fora do prazo legal de mais dois atletas no grupo que disputaria as finais do campeonato paulista de 1969. Esse pedido de inclusão se deu em razão da morte em acidente de trânsito de dois atletas corintianos: Lidu e Eduardo. Em votação realizada na sede da Federação Paulista de Futebol, em 03/05/1969, o Palmeiras votou contra, o que deixou os corintianos muito revoltados, que passaram a se referir aos palmeirenses

³ Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2020/07/mulheres-negras-sob-ataque-nas-redes.shtml>

como dotados de um *espírito de porco*, expressão idiomática que significa pessoa cruel, ranzinza, que se especializa em complicar situações ou em causar constrangimentos aos outros.

Somente em meados dos anos 80, por meio de uma estratégia agressiva de marketing, proposta pela então diretoria do Palmeiras, com o apoio da socióloga Sílvia Calegari, para quem “assumir o nome é um antídoto para se livrar dele”, que o então insulto *porco* foi ressignificado, ganhando uma valoração positiva. Como mostra a capa da Revista Placar de 1986, (imagem 01) em que aparece o maior jogador do da Palmeiras da época, Jorginho segurando o filhote de um porco. Depois dessa campanha, *porco*, antes pejorativo, virou símbolo de orgulho para os palmeirenses (imagem 02).



Imagem 00: Jorginho, principal jogador do Palmeiras em 1986, "adotando" o porco na capa da Revista Placar⁴

⁴ Disponível <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas-noticias/2019/04/28/apelido-de-porco-do-palmeiras-ganhou-forca-ha-50-anos-e-de-forma-negativa.htm>



Imagem 02: Camiseta a venda em site de produtos esportivos relacionados ao Palmeiras⁵.

Os exemplos anteriores metonimicamente nos mostram que toda estigmatização pode receber respostas; dentre elas, a ressignificação permite que uma unidade estigmatizada (pessoa, grupo ou categoria ou mesmo time de futebol) responda a partir do próprio conteúdo do direcionamento estigmatizante. Na sua dimensão discursiva, esse processo consiste em retomar um elemento linguageiro entendido como ofensivo e/ou insultuoso e modificar o valor axiológico negativo, a fim de transformá-lo em marca de identidade emponderadora. Os exemplos bastante conhecidos como *drag*, *queer*, *puta* ou *vadia*, usados em contexto militante como elementos lexicais portadores de confiança, são derivados desse processo; os valores negativos são reapropriados pelos locutores e metabolizados em marcadores do ser. Esse processo é uma das estratégias de luta contra as opressões ligadas ao gênero, ao sexo ou a raça nos movimentos contemporâneos, tática essa descrita e teorizada por Judith Butler, em 1997, no livro *Le pouvoir des mots*, e mencionada alguns anos antes por Donna Haraway no *Manifeste cyborg* (1991) por meio de uma analogia animal, a salamandra: assim como as salamandras que reparam suas feridas promovendo o crescimento dos membros, as pessoas feridas têm a possibilidade, *a partir de e no lugar da sua ferida* (esses marcadores linguísticos são essenciais), de produzir um discurso reparador, restaurador e reabilitador.

⁵ Disponível em <https://www.maniaalviverdestore.com.br/product/359455/dalhe-porco-razao>

A resignificação discursiva à luz de Marie-Anne Paveau

Passamos agora para o trabalho de Marie-Anne Paveau (2019a, 2019b e 2021) acerca da teoria da resignificação. Paveau (2019) apresenta uma tipologia dessas práticas tecnodiscursivas, baseando-se em três categorias: 1. a recontextualização enunciativa, quando um enunciado insultante é retomado engendrando em seu lugar uma resignificação; 2. a publicação analógica, quando o enunciado insultante é retomado engendrando em seu lugar uma resignificação que passa a circular em contextos distintos dos quais inicialmente circulou e 3. a produção de um dispositivo cultural ou intelectual, quando o enunciado insultante é retomado engendrando em seu lugar uma resignificação que passa a circular em contextos distintos dos quais inicialmente circulou e essa resignificação se transforma num dispositivo cultural e intelectual de resistência. Nesse sentido, a autora propõe uma

teorização da resignificação, de modo à convertê-la numa noção operatória para a análise do discurso, na esteira de Butler, do trabalho de Brontsema, pesquisas anteriores sobre a noção (Paveau 2013a, 2017a, 2017b, 2019) e integrando igualmente a perspectiva de Kunert. Essa teorização excede a própria prática de reapropriação das designações de pessoa e se desvincilha da abordagem lexical ou categorial frequentemente apresentada para exemplificar a resignificação. Ela se abre para outras práticas e táticas discursivas, permitidas pelos universos discursivos digitais, mas não por eles apenas, envolvendo não somente os designativos, mas os discursos, os signos, as imagens, os sons. A resignificação não é, portanto, apenas um processo semântico-pragmático, mas um dispositivo discursivo total, que envolve formas discursivas variadas e plurissemióticas [das quais os sujeitos ofendidos se valem para responder aos seus ofensores] (PAVEAU, 2021, p. 30).

A resignificação por recontextualização enunciativa é entendida por Marie-Anne Paveau como a prática mais comum de resignificação. De um ponto de vista linguístico, ela argumenta que "trata-se da repetição de palavras, enunciados ou signos sob a forma da origem, em contextos diferentes a partir de uma fonte enunciativa diferente, pois está relacionada à pessoa ofendida" (PAVEAU, 2021, p. 36), asseverando que "é a colocação em circulação discursiva que produz a resignificação" (*Ibidem*). A pesquisadora observa ainda que a recontextualização se dá a partir do código semiótico dominante (escrito, oral, imagético e sonoro). Assim, a autora designa como dominante escritural as produções plurissemióticas nas quais o escrito é o código dominante. Dessa maneira, elenca três possibilidades: a republicação simples; a republicação como comentário resignificante e a retomada enunciativa.

No que concerne à forma dominante icônica, Paveau apresenta uma possibilidade: a publicação de *selfies*, que incluem tanto o ofendido, quanto o ofensor.

No que se refere às formas plurissemióticas na dominante oral, são propostas duas possibilidades: a leitura em voz alta dos comentários ofensivos e o cantar dos comentários ofensivos. Já sobre a publicação analógica - entendida como "a colocação em rede de uma produção tecnodiscursiva análoga àquela do ataque" (PAVEAU, 2019a, p. 134) -, a autora cita duas possibilidades: a publicação analógica de imagens fixas e a publicação analógica de imagens em movimento (vídeo). Por último, ela entende a ressignificação por produção de um dispositivo cultural ou intelectual como um conjunto de respostas ressignificantes relacionadas à construção de dispositivos tecnodiscursivos culturais ou intelectuais: "os sujeitos agredidos produzem enunciados ressignificantes a partir de suas competências técnicas, relacionadas ao seu campo profissional, mídias e ciências humanas" (PAVEAU, 2019a, p. 135). Para esse tipo de ressignificação, há, na compreensão da autora, três possibilidades: a criação midiática; o dispositivo icônico-discursivo-financeiro e a produção do saber científico.

Para analisar a ressignificação em contextos digitais, a partir das três tipologias propostas, a pesquisadora francesa propõe ainda sete critérios linguístico-(tecn)discursivos, que, segundo ela, constituem a ressignificação como processo discursivo:

1. critério pragmático: existe uma ferida languageira provocada pelo insulto, estigmatização, ataque, etc. a respeito da identidade de uma pessoa ou grupo;
2. critério interacional: uma resposta ao enunciado ofensivo é produzida;
3. critério enunciativo: o sujeito agredido é a origem enunciativa da resposta, que ele retoma do enunciado ofensivo por conta própria como auto-categorização, ou ele provoca uma simples recontextualização;
4. critério semântico-axiológico: o enunciado-resposta compreende uma inversão ou mudança semântica e/ou axiológica;
5. critério discursivo: o enunciado-resposta é produzido em contexto diferente do enunciado ofensivo, que é recontextualizado pela "abertura a contextos desconhecidos" (Butler, 2005, p. 234);
6. critério sócio-semântico: o uso recontextualizado do elemento languageiro é julgado como aceitável e reconhecido como tal pelos sujeitos implicados, que formam um sujeito coletivo;
7. critério pragmático-político: o enunciado ressignificado é revolucionário, pois produz uma reparação e uma resistência, ampliando a coesão do sujeito militante (Kunert, 2010) (PAVEAU, 2020, p. 39).

Com base nesses critérios, a autora define a ressignificação como uma prática languageira, linguística e material de resposta (2) a um enunciado ofensivo (1), efetuada pelo sujeito agredido pela auto-categorização ou recontextualização simples (3), que estabelece um retorno do enunciado ofensivo (4) num contexto alternativo (5), o novo uso sendo aceito coletivamente (6) e produzindo uma reparação e uma resistência (7).

Um bom exemplo da fecundidade da teoria da ressignificação, aqui entendida enquanto prática tecnodiscursiva e ao mesmo tempo um fato discursivo, advém de uma campanha criada pelo movimento #MachadodeAssisReal, que objetiva reparar uma injustiça racial, qual seja a de que até hoje, tal qual como alhures, as editoras retratam Machado de Assis como se ele fosse branco. Esse movimento criou ainda um abaixo-assinado virtual na plataforma Charge.org⁶ pedindo para que as imagens embranquecidas do escritor brasileiro sejam substituídas. No momento, o abaixo-assinado conta com mais de 14500 assinaturas e a meta dos organizadores é chegar a 15000.



Imagem 03. Fotografias de Machado de Assis, que evidenciam como ele foi embranquecido pelas editoras brasileiras

O movimento #MachadodeAssisReal criado em abril de 2019 é o resultado de uma parceria entre a Faculdade Zumbi dos Palmares e a agência Grey Brasil, contando ainda com o apoio de organizações como o Quilombhoje, de incentivo à literatura de autoras e autores negros. Para os organizadores do movimento:

Mais do que corrigir o passado, queremos que esse absurdo racial deixe de ser perpetuado na literatura brasileira. Por isso, criamos este abaixo-assinado para que as editoras e livrarias deixem de imprimir, publicar e comercializar livros em que o escritor aparece embranquecido e substitua a imagem preconceituosa pela foto de Machado de Assis Real.

Como dissemos trata-se de um bom exemplo de ressignificação. Temos neste exemplo, os 7 critérios, propostos por (Paveau, 2019a, 2019b e 2021) funcionando:

⁶ Disponível em <https://www.change.org/p/editoras-substituir-nos-livros-a-foto-de-machado-de-assis-embranquecido-pela-real>

- 1. critério pragmático:** um grupo de atores institucionais, dentre eles a Faculdade Zumbi dos Palmares, considera as fotografias embranquecidas, que circulam nas obras de e sobre Machado de Assis, uma ofensa aos negros;
- 2. critério interacional:** esses atores sociais convocam por meio de tecnodiscursos milhares de brasileiros a corrigirem livros, onde a imagem de Machado de Assis aparece embranquecida, trocando-a por uma imagem real, recriada com base em dados históricos, respeitando seus traços, sua origem e o tom da sua pele;
- 3. critério enunciativo:** essa substituição da fotografia embranquecida pela fotografia real de Machado de Assis busca se constituir numa reparação histórica de que o escritor Machado de Assis faz jus;
- 4. critério semântico-axiológico:** essa reparação histórica faz conhecer a todos que umas das maiores personalidades da história da literatura brasileira, é um negro e, cujo passado, trajetória de luta, superação e resiliência se assemelha à maioria dos negros do país;
- 5. critério discursivo:** o movimento que se inicia com base em um tecnografismo #MachadodeAssisReal, acompanhado de um abaixo-assinado virtual, passa a circular em outros ambientes tanto no digital quanto fora dele;
- 6. critério sócio-semântico:** as pessoas compreendem o significado, o peso simbólico, da ação proposta e mostram bastante engajamento passando a substituir nos seus próprios exemplares as fotografias embranquecidas pelas fotografias reais;
- 7. critério pragmático-político:** a retratação demandada inicialmente pelos atores sociais institucionais ganha o sentido de luta coletiva dos negros de maneira em geral, avalizada também por outros atores sociais.

A fala do Reitor da Faculdade Zumbi dos Palmares, Prof. Dr. José Vicente e a imagem a seguir são bastante ilustrativas da configuração coletiva, portanto política, que adquiriu o movimento:

[a troca] permite a reformulação de juízos e valores e torna o escritor uma importante referência à comunidade negra do país. Estabelece e confirma que o negro é portador de saberes, habilidades e competências extraordinárias e grande potência como gênio inventivo, criador e transformador. Eleva a autoestima, gera modelo a ser admirado e seguido, transforma-se em referência positiva. Promove e eleva o sentimento de orgulho, honra e entusiasmo e empoderamento para toda a comunidade negra do Brasil.

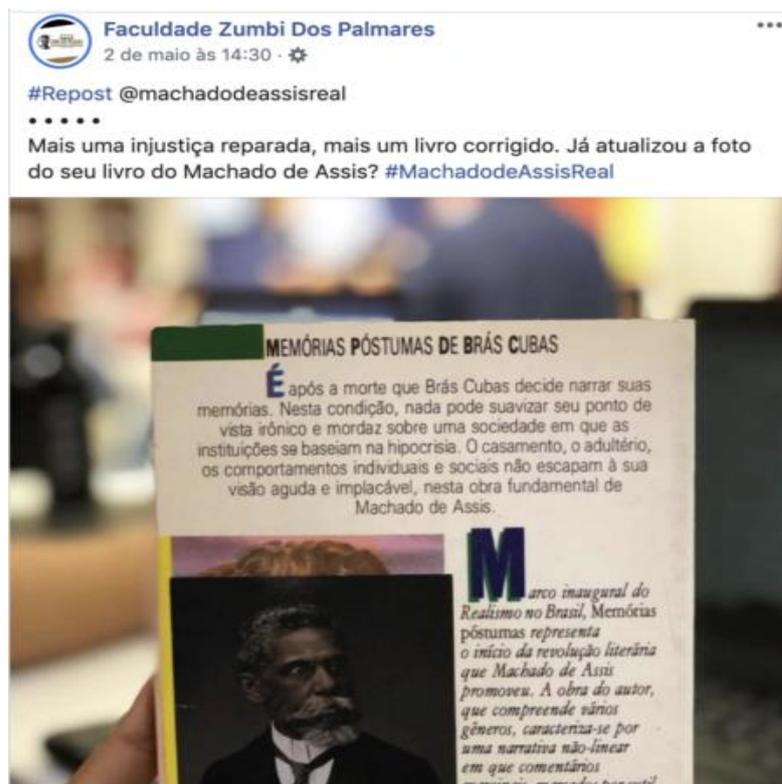


Imagem 04. Captura de tela de post de uma rede social da Faculdade Zumbi dos Palmares, evidenciando a troca de fotografias

Atesta também o caráter político, que o movimento adquiriu, por conta da reivindicação proposta, a palestra da Profa. Marisa Lajolo, uma das maiores especialistas em literatura brasileira da atualidade, intitulada *Literatura, linguística e ensino*⁷, proferida no evento *Abralin ao Vivo*, em 20/07/2020, que ao comentar um texto publicado por Machado de Assis em 1862, no *Diário do Rio de Janeiro* e fazendo referência a uma fotografia de Machado de Assis, que estava na sua apresentação em PowerPoint, disse:

Vejam que eu me esforcei para conseguir uma imagem do Machado de Assis amulataado, que é a grande e importantíssima reivindicação atual, que é a identidade negra de Machado de Assis, que aparentemente foi esbranquiçado ao longo do tempo”.

O fato discursivo brevemente analisado, o da demanda pela reparação histórica de retratar Machado de Assis como ele verdadeiramente era, isto é, respeitando seus traços, sua origem e o tom da sua pele, nos coloca uma questão de natureza teórica em relação à teoria da ressignificação discursiva, qual seja a de refletir também sobre o papel militante dos não-linguistas.

⁷ Disponível em <https://aovivo.abralin.org/lives/marisa-lajolo/>

Ressignificação discursiva: instrumento de luta dos não-linguistas

O acontecimento discursivo, anteriormente descrito, nos mostra que o militantismo social ou político é baseado em um discurso sobre as palavras e/ou imagens. Nesse sentido, diversos trabalhos recentes tanto no Brasil quanto na França à luz da Análise do Discurso, discutindo a questão do gênero, por exemplo, nos mostram a centralidade das práticas linguísticas dos não-linguistas nos discursos que se desenvolveram nos debates em torno do casamento de pessoas do mesmo sexo (HUSSON, 2017) ou em discursos sobre intersexualidade (MARIGNIER, 2016).

Na maioria dos ativismos, encontramos reflexões sobre quais palavras e/ou imagens usar ou não usar, sobre as maneiras de falar ou sobre as formas do debate, não se resumindo a uma questão do politicamente correto. O dicionário ou léxico ou mesmo o uso de imagens é quase um elemento obrigatório de todo ativismo, e o advento da Internet, especialmente da web 2.0, a das redes sociais, reforçou essa nova prática lexicográfica e imagética. Corroborando o exposto, Paveau (2020, p. 38) apresenta dois exemplos, um no contexto dos debates sobre casamento para todos na França em 2013 e o outro no militantismo antirracista, também, na França.

Na época dos debates sobre o casamento entre pessoas do mesmo sexo na França em 2013, muitas discussões se concentravam no melhor nome para esse casamento. Os termos *casamento homossexual* ou *casamento homo*, muito comuns, foram amplamente criticados, *casamento entre pessoas do mesmo sexo* foi aconselhado, mas pouco usado, pois é muito longo, *casamento para todos* também foi objeto de debate; a própria palavra *casamento* foi rediscutida, os que se opunham ao casamento para todos recusando seu uso, e os defensores respondendo a essa recusa com argumentos lexicográficos e semânticos (HUSSON, 2017). O desafio não era apenas a da prescrição ou intervenção na língua, era também da dignidade e do reconhecimento. Nesse sentido, o metadiscorso profano constitui uma prática emancipatória, visando resgatar a autonomia e a dignidade de pessoas antes oprimidas ou invisibilizadas.

No contexto do ativismo antirracista, os debates sobre as palavras e seus usos são frequentes e, por vezes, violentos. Na França, a maneira de nomear os negros(as) tem sido objeto de constantes discussões e polêmicas desde o início do século XX, na época em que se desenvolvem os primeiros movimentos anticolonialistas os(as) ativistas negros(as), intelectuais e sindicalistas questionam o uso do *negro*, por exemplo. Mais de um século depois, é a palavra *preto* que está na mira dos(as) ativistas negros(as).

Com base nesses dois exemplos, Paveau assevera que essa prática linguística corretiva dos não-linguistas tem uma dimensão política e ética. Pode parecer cair numa simples prescrição e pode ser considerada como uma espécie de *index probis*, “não diga isso” “não diga aquilo”, como em diversos sites, que buscam prescrever determinados

usos da linguagem e de fato a princípio tem essa forma. Mas substancialmente o que o diferencia é a sua pauta coletiva e emancipatória, no último caso em questão, o objetivo principal é antirracista, pois busca instaurar a dignidade do(da) negro(a). É nisso que se diferencia de uma simples prescrição normativa ligada à correção da linguagem, uma vez que esta última é orientada por uma visada estética – há certos padrões hegemônicos imutáveis a serem seguidos - e a primeira por uma ética da língua – engendrar por meio de determinados usos linguísticos maior dignidade a grupos sociais historicamente marginalizados. Essa dimensão política ética da língua pode se dar também em relação à imagem. Há inúmeros casos, especialmente na publicidade, que para além do politicamente correto, propõem uma política e ética da língua e da imagem. Por exemplo, a reclamação de um internauta em sua rede social Twitter por entender que a caixa de produtos da empresa Kellogg's veiculava imagens racistas.



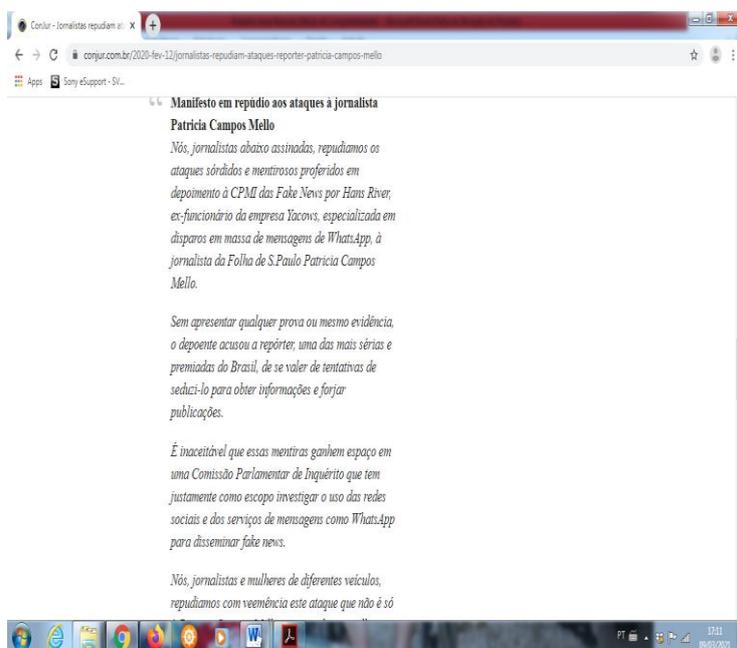
A postagem no perfil de Saladin Ahmed em 24/10/2017, na sua rede social, questiona o fato de que na embalagem da caixa de cereais da Kellogg's em meio a um conjunto muito grande de personagens, desenhados como cereais, que aparecem se

divertindo, somente a personagem negra aparece escovando o chão do ambiente em todos os outros - brancos - estão se divertindo. Essa postagem chamando a atenção para o racismo, condição de inferioridade do negro em relação ao branco, ganhou milhares de *retuitadas* e também milhares de curtidas. A repercussão foi tão grande que a empresa mudou a caixa de seus produtos. Esse dado é muito pertinente para nos mostrar que para além de uma política e ética das palavras, conforme proposto por Paveau (2020, p. 40), há também uma política e ética das imagens. Ademais, esse dado nos mostra também a atualidade da hipótese defendida por Michel Foucault na sua aula inaugural no *Collège de France*, em 02 de dezembro de 1970:

(...) suponho em toda a sociedade a produção do discurso [nas suas mais diferentes materialidades] é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos [uma política e ética da língua e das imagens] que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominar o seu acontecimento aleatório, esquivar sua temível e pesada materialidade. (FOUCAULT, M. 1971/1996, p. 9).

Um pouco de análise

Como nos mostra Paveau (2019a; 2019b 2020), a ressignificação discursiva pode se dar de diferentes maneiras. Talvez a forma mais explícita de ressignificação seja a contestação veemente de um insulto. Esse modo de ressignificar pode ser observado no Manifesto em repúdio aos ataques à jornalista Patrícia Campos Mello, a seguir:



O manifesto ao lado se deu função de a jornalista da *Folha de S. Paulo*, Patrícia Campos Mello, ter sofrido diversos ataques em relação à sua honra, primeiramente por Hans River em depoimento na CPMI das *Fake News* no Congresso e, depois, pelo próprio presidente Bolsonaro, que em discurso para apoiadores na saída do Palácio do Planalto, no dia 18/02/2020, disse com insinuação sexual: “Ela queria dar um furo. Ela queria dar o furo”.

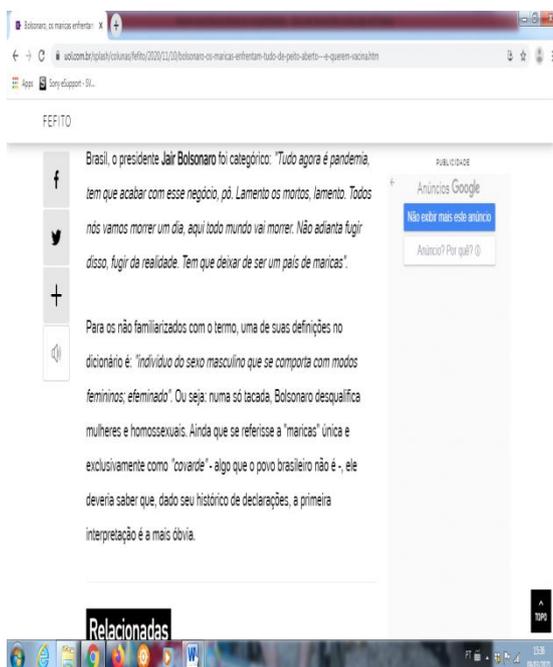
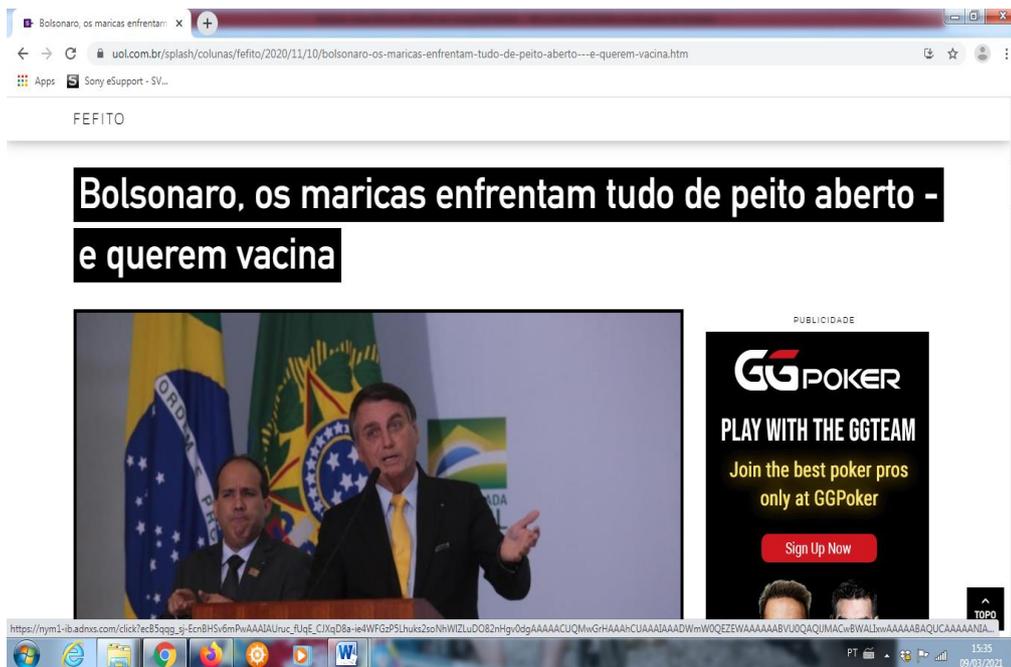
Essa declaração insultuosa do presidente faz referência ao depoimento de Hans River, dado na semana anterior, durante a CPMI das *Fake News* no Congresso. Diversos

atores sociais e institucionais se manifestaram repudiando os insultos de Bolsonaro. Essas manifestações foram então ressignificadas e passaram a ser compreendidas não como um insulto pessoal à jornalista ou às mulheres em geral, mas a todas as pessoas que defendem a democracia no Brasil. Em outros termos, próximos ao que Paveau postula, o que era uma demanda inicial pela reparação de um insulto se transforma numa luta coletiva pela democracia.

Durante cerimônia realizada no Palácio do Planalto, em 10/11/2020, Bolsonaro disse textualmente: “Não adianta fugir disso, fugir da realidade. Tem que deixar de ser um país de maricas. Olha que prato cheio para a imprensa. Prato cheio para a urubuzada que está ali atrás. Temos que enfrentar de peito aberto, enfrentar. Que geração é essa nossa?⁸”. Depois dessa declaração misógena e homofóbica, muitos atores sociais se manifestaram ressignificando o termo maricas. Uma dessas manifestações ressignificantes, “Bolsonaro, os maricas enfrentam tudo de peito aberto – e querem vacina”, foi publicada, no mesmo dia da declaração do presidente, no site do UOL pelo colunista Fefito⁹:

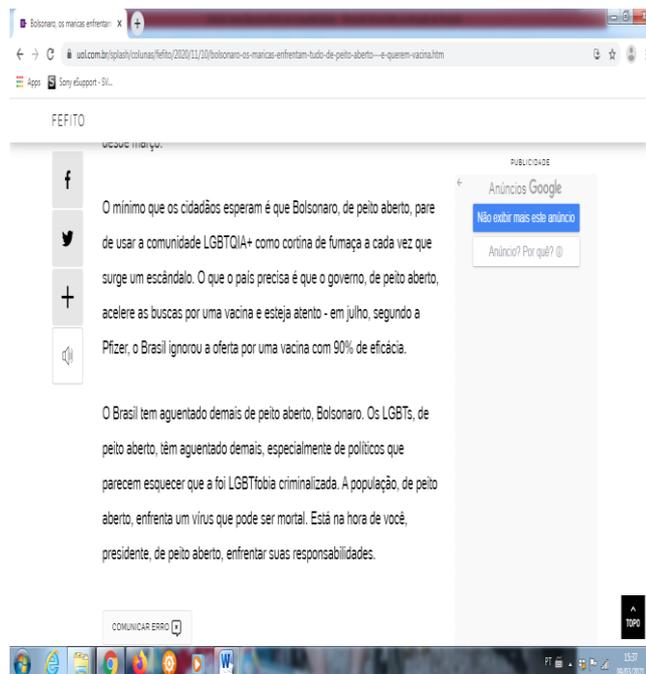
⁸ O vídeo com a fala de Bolsonaro pode ser acessado em <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/11/10/bolsonaro-diz-que-brasil-tem-de-deixar-de-ser-pais-de-maricas-e-enfrentar-pandemia-de-peito-aberto.ghtml>

⁹ Disponível em <https://www.uol.com.br/splash/colunas/feffito/2020/11/10/bolsonaro-os-maricas-enfrentam-tudo-de-peito-aberto---e-querem-vacina.htm>



O autor do texto se utiliza de uma metalinguagem científica ao trazer uma das definições do dicionário sobre o termo maricas e, na sequência, desloca essa metalinguagem para uma outra, a da ordem do político: “Ainda que se referisse a ‘maricas’ única e tão somente como ‘covarde’ – algo que o povo brasileiro não é”.

Essa passagem de uma metalinguagem científica para uma metalinguagem da ordem do político legitima a ressignificação postulada e ganha o sentido de um luta coletiva dos integrantes da comunidade LGBTQIA+ e se transforma também numa demanda por vacinas: “os LGBTs de peito aberto tem aguentado demais especialmente de políticos que parecem esquecer que a LGBTfobia foi criminalizada” e “o que o país precisa é que o governo de peito aberto, acelere as buscas por uma vacina”.



O trabalho de ressignificação realizado pelo não-linguista, que propõe uma mudança do valor axiológico negativo do termo maricas para um ambiente positivo é também avalizado pelos leitores, como se pode ver no comentário postado por um internauta logo após a publicação da matéria: “trata-se de um ser abjeto, espero que prove em breve do seu pp veneno”.

Um tipo particular de ressignificação: a humorística

No seu artigo intitulado *Les non-linguistes font-ils de la linguistique? Une approche anti-éliminativiste des théories folk*, Paveau (2008), traduzido para o português como “Os não-linguistas fazem linguística: uma abordagem antieliminativa das teorias folk”, publicado na Revista Policromias em 2018¹⁰ e republicado em 2020¹¹ comenta que:

ser um não linguista não é um estado permanente, mas uma atividade praticável num momento e num lugar determinados pelos próprios linguistas; há uma posição de não linguista, sempre cambiável com alguma outra (PAVEAU, p. 23, 2008).

Segundo a autora, a questão da identificação dos não linguistas é uma das mais difíceis no que se refere aos saberes *folk*. Se por um lado, a identificação profissional dos linguistas é feita pela existência de cursos ou diplomas, a dos não linguistas não se baseia em nenhum critério confiável. Paveau (ibid) questiona se um escritor, um jurista

¹⁰ Disponível em <https://revistas.ufrj.br/index.php/policromias/article/view/21267/12729>

¹¹ Disponível em <https://www.letraria.net/linguistica-folk-uma-introducao/>

ou um revisor das mídias escritas e editoras podem ser considerados linguistas *folk*. Para ela, somos tentados a afirmar absolutamente, mas e quando pensamos no falante comum?

o “homem das ruas”, que admira a beleza do léxico ou se lamenta quanto à degradação da língua (um sujeito bem típico na França, [tal como no Brasil] um país cuja língua é constantemente objeto de polêmicas inflamadas) relativiza imediatamente esse julgamento: os três primeiros parecem, de todo modo, mais “linguistas” que o último, o falante comum, que ocupa mais um espaço verdadeiro de “linguista de final de semana”, uma figura meio ingênua e, no fundo, bem inculta (PAVEAU, p. 24, 2008).

Dessa forma, Paveau (ibid) questiona como podemos identificar essa categoria de falantes que produzem enunciados sobre língua e discurso a partir de posições não acadêmicas e subjetivas? Tentando responder essa questão, a autora propõe uma tipologia elaborada a partir de trabalhos existentes sobre a linguística *folk*, sendo as posições classificadas por “coeficientes” decrescentes de detenção de um saber linguístico:

- Linguistas profissionais, que fornecem descrições linguísticas.
- Cientistas não linguistas (“historiador-linguista”, como Éric Mension-Rigau em seu *Aristocratas e grandes burgueses: educação, tradições, valores*, “sociólogo-linguista”, como Pierre Bourdieu em seu *A distinção: crítica social do julgamento*), que propõem descrições linguísticas.
- Linguistas amadores (linguistas leigos, acadêmicos como Maurice Druon, juristas como Gérard Cornu, que fornecem descrições e prescrições).
- Logófilos, glossomaniacos e outros “loucos da língua”, como Jean-Pierre Brisset ou George Orwell, que, frequentemente, empreenderam intervenções na língua, fosse por invenção, fosse por deformação.
- Preparadores-revisores-redatores (o lendário copidesque do Monde, Jean- -Pierre Collignon, cujos sucessores produziram um discurso sobre sua atividade “linguística” no blog “Langue saucepiquante”; os especialistas de programas televisivos, como o “professor” Capelovici e seus sucessores no programa *Des chiffres et des lettres*, por exemplo), que sugerem descrições e prescrições (incluindo correções).
- Escritores, ensaístas (Proust, Jean Paulhan, Pierre Daninos, Philippe Jullian, Robert Beauvais...), do lado da descrição e da prescrição.
- Ludolinguistas (humoristas, imitadores, autores de histórias bobas, autores de jogos sobre as palavras: Thierry Le Luron fazendo imitações do político Valéry René Marie Georges Giscard d’Estaing, Sylvie Joly e sua personagem “Bourgeoise” [Burguesa], Florence Foresti e sua Anne- -Sophie de la Coquillette, Coluche e seu “beauf” [brutamontes, homem grosseiro e machista]), que fazem descrições-interpretações linguísticas. (Grifos meus).
- Falantes engajados, militantes ou apaixonados, juristas em suas práticas textuais e orais, centrados na descrição e na intervenção.
- Falantes comuns (a vendedora da loja de antiguidades na rue de la Chine, os autores desconhecidos das colunas de leitores de jornais e revistas e as mensagens em blogs e fóruns, os “dominantes” citados por Jean-Claude Passeron, que misturam, sem dúvida, os três tipos de práticas).

Paveau (ibid) também cita como exemplo o escritor J.R.R Tolkien e seu trabalho sobre línguas. Sendo filólogo e lexicógrafo, o professor de inglês medieval, tornou-se um logófilo ao inventar línguas imaginárias em suas obras, como o élfico, a língua negra de Mordor, entre outras. Portanto, é possível pensarmos na figura do escritor Ted Chiang, ao abordar questões linguísticas em sua obra, bem como criar uma língua própria, enquanto pertencente ao grupo de escritores e ensaístas, e os logófilos e outros “loucos da língua”.

Mais um pouco de análise

A categoria dos ludolinguistas pode contemplar também profissionais diferentes dos propostos por Marie-Anne Paveau. Por exemplo, os textos abaixo foram produzidos pelos mais diferentes profissionais que não se encaixam nas categorias de humoristas, imitadores, autores de histórias bobas... Nesse sentido, um dado muito relevante é o nome *Bolsonero*. Essa designação construída a partir da substituição do fonema [a] pelo fonema [e], faz uma referência interdiscursiva ao insano Imperador romano Nero, que mandou atear fogo em Roma e, enquanto a cidade estava em chamas, tocava tranquilamente a sua harpa.

Atesta o uso dessa forma a capa da Revista semanal *IstoÉ*, edição número 2592, de 30 de agosto de 2019. Essa edição foi publicada em meio a inúmeras críticas que Bolsonaro recebeu, especialmente de atores e instituições internacionais por conta das suas ações pouco efetivas contra as queimadas que destruíram praticamente todo o Pantanal mato-grossense e boa parte da Amazônia.





Essa associação de Bolsonaro a Nero, por meio da designação *Bolsonero*, para além de ter viralizado nas redes sociais, ganhou uma “homenagem” física: o *Greenpeace Brasil* colocou uma estátua de Bolsonaro travestido do Imperador romano Nero, *Bolsonero* – imagem acima - no Pantanal como forma de protestar pelo desastroso combate do governo brasileiro aos incêndios do importante bioma brasileiro. Além disso, mais tarde já em 2020, também pela pouca eficácia das mediadas do governo brasileiro na gestão da Covid19, essa designação teve repercussão internacional a partir da sua menção em uma publicação em um dos periódicos mais respeitados do mundo *The Economist* – como se pode ver na imagem ao lado.

Outro dado muito relevante é o nome *Bolsocaro*, elaborado por não-linguistas a partir da substituição do fonema [n] pelo fonema [k], criando dessa forma o substantivo *Bolsocaro*. Esse nome foi criado para designar uma campanha publicitária em que os profissionais denunciam a alta dos preços dos produtos (alimentícios, gás de cozinha, gasolina...) durante o governo de Bolsonaro.



A campanha publicitária criada por designers paulistas denuncia a alta dos preços durante o governo de Jair Bolsonaro: “TÁ MUITO CARO – TÁ NA CONTA DO BOLSONARO - \$ - ESSA CONTA NÃO É NOSSA – O BRASIL NÃO MERECE ISSO. Trata-se de um conjunto de cartazes elaborados a partir de uma cenografia de anúncio de produtos em supermercados e que foram espalhados por diversos pontos da capital paulista no formato lambe-lambe. Essa campanha #Bolsocaro também se espalhou pelas redes sociais com um vídeo com 1,14 de duração que simula a voz de um narrador anunciando produtos em um supermercado.



A voz do narrador além de denunciar a alta desenfreada do preços dos produtos durante o governo de Bolsonaro, geralmente fazendo uma comparação entre o valor do produto em reais em 2018, antes da eleição de Bolsonaro e em 2021, ainda faz menção à diminuição do valor do auxílio emergencial e também a alguns eventos ainda pouco esclarecidos, protagonizados pela família Bolsonaro: como os cheques depositados por Fabrício Queiroz na conta de Michele Bolsonaro; a compra da mansão em área nobre de Brasília por seis milhões de reais pelo senador Flávio Bolsonaro. Além disso, durante o vídeo, a voz do narrador é intercalada por imagens que representam metonimicamente Bolsonaro: o gesto da arma com as mãos; o santinho utilizado por Bolsonaro durante a campanha de 2018 e há também uma subversão da pequena frase utilizada pelos apoiadores de Bolsoraro em 2018 – *é bom jairseacostumando* – que, na voz do narrador se transforma em *é bom jairseendividando*. O vídeo é finalizado com o narrador dizendo “supererrado – alusão fonética a *supermercado* - *Bolsocaró*, metendo a mão no seu bolso e custando muito caro, muito caro”. Trata-se de uma espécie de paródia de anúncios de produtos em supermercado, mostrando justamente como os preços dos produtos subiram ao longo dois primeiros anos do governo de Jair Bolsonaro. Esse vídeo viralizou nas redes sociais e foi compartilhado em perfis de inúmeros políticos e artistas, como se pode ver nos posts abaixo.



Do ponto de vista de uma abordagem que busca integrar o trabalho dos não-linguistas aos profissionais das ciências da linguagem, os dados acima são muito relevantes, pois além da crítica bem humorada que é feita ao governo de Jair Bolsonaro em relação à sua política ambiental e à disparada dos preços dos produtos como arroz, carne, gás de cozinha, gasolina..., eles produzem ainda uma espécie de intervenção na língua, que por conta da sua intensa circulação, sobretudo nas redes sociais faz com que os diferentes atores sociais e mesmo institucionais passem a se referir ao presidente ora como *Bolsonero*, como atesta o uso no artigo da *The Economist*, ora como *Bolsocaro*, como mostram os posts nos perfis em redes sociais da cantora Anitta e do senador Randolfe Rodrigues.

Sobre essa prática intervencionista na língua, Paveau (2020, p. 36), nos diz: “Os linguistas ordinários propõem enfim intervenções sobre a língua. Trata-se de proposições frequentemente espontâneas, geralmente regularizantes e destinadas a facilitar o uso do francês [de qualquer outra língua], tornando-o mais democrático”. No entanto, no dado em questão, o problema não é tornar um determinado uso linguístico mais democrático, mas sim a partir de uma mudança no nome próprio Bolsonaro para *Bolsonero* ou *Bolsocaro*, propor críticas em relação à política governamental ambiental e de preços, dialogando interdiscursivamente com as promessas vazias do então candidato a presidente do Brasil.

Um breve efeito de fim

Os dados que analisamos ao longo deste artigo embora pouco numerosos nos mostram que os não-linguistas quer seja a partir dos metadiscursos sobre a língua de Bolsonaro, quer seja a partir de práticas humorísticas para além de liberações catárticas por todos os malefícios que o atual presidente tem feito à sociedade brasileira, ao ressignificarem a sua língua ou nome Bolsonaro ora como *Bolsonero* e ora como *Bolsocaró* produzem, especificamente em relação às essas duas últimas designações, um novo tipo de ressignificação, ainda não proposta por Paveau (2019a; 2019b 2020), a ressignificação humorística. Diferentemente da tipologia proposta por Paveau, esse último tipo de ressignificação não parte de um insulto, por exemplo, para transformá-lo numa luta coletiva de determinado grupo social, como é o caso da ressignificação do termo maricas, ou do insulto de Bolsonaro à jornalista da *Folha de S. Paulo*, anteriormente analisados.

Na verdade, nos casos em análise, esse novo tipo de ressignificação se apresenta como uma crítica em relação à baixa efetividade do governo no tocante à proteção ambiental e a política de preços e transforma essa crítica numa bandeira de luta coletiva pela preservação ambiental e pela baixa dos preços. Todavia, não fazendo distinção a grupos sociais, isto é, não é a luta antirracista do movimento negro ou a luta anti-homofóbica da comunidade LGBTQIA+ ou luta das mulheres contra a misogenia e o machismo, mas a luta de um coletivo maior. Não partir de um insulto e sim de uma crítica social e se tornar na luta de um coletivo maior e não de um grupo, são os dois traços que resumidamente distinguem a ressignificação humorística das outras propostas por Paveau (2019a; 2019b 2020).

Para finalizar este artigo, gostaríamos de tocar na questão dos discursos de ódio, tão aclimatados atualmente na nossa sociedade do “libertarianismo informacional” e que cada vez mais cristalizam relações de poder: dos homens sobre as mulheres; dos brancos sobre os negros; dos héteros sobre os homossexuais, dos cristãos sobre os que professam outros credos, enfim dos iguais frente aos diferentes. Essas relações de poder são cotidianamente exacerbadas na web. Nesse sentido, entendemos que a ressignificação discursiva operada ou não pelos ludolinguistas pode ser constituir num bom antídoto para esses discursos de ódio, isto é, uma espécie de soro antiofídico enunciativo, que transforma a peçonha discursiva em remédio, uma vez que esse

discurso não é "simplesmente aquilo por que se luta ou se domina, mas aquilo por que se luta, aquilo por que se luta" (Foucault 1971/1996, p. 12).

Referências

BRONTSEMA, Robin, « A Queer Revolution: Reconceptualizing the Debate Over Linguistic Reclamation », *Colorado Research in Linguistics*, vol. 17, n° 1, 2004, p. 17-34.

BUTLER, Judith, *Le pouvoir des mots. Politique du performatif*, trad. C. Nordmann, Paris, Éditions Amsterdam, 2004 [1997]. BUTLER, J. **Problemas de gênero. Feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro, Civilização brasileira, 2003.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. Trad. de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3 edição. São Paulo, SP: Edições Loyola. 1996.

Kunert Stéphanie, *Circulations-transformations. Le stéréotype et la norme re-signifiés : vers une théorie communicationnelle des processus de stéréotypie et de normativité : les minorités sexuelles et de genre dans les discours marchands et les discours militants*, thèse de doctorat, Paris 4, Celsa, 2010.

Kunert Stéphanie, « Dégenerer les codes : une pratique sémiotique de défigement », *Semen*, n° 34, 2012, <http://semen.revues.org/9770>

MOIRAND, S. L'apport de petits corpus à la compréhension des faits d'actualité. **Corpus 18** <http://journals.openedition.org/corpus/3519>, 2018. A contribuição do pequeno corpus na compreensão dos fatos da atualidade. Trad. de Fernando Curtti Gibin e Julia Lourenço Costa. **Revista Linguagem**, v. 36, n. 01, 2020. Disponível em <http://www.linguagem.ufscar.br/index.php/linguagem/article/view/826>

_____, **“Olhares midiáticos sobre uma pandemia: “instantes discursivos” de uma crise sanitária sob o prisma dos números, do risco e da confiança”**, Live apresentada no Projeto de extensão Discurso em Tempos de Pandemia – Fase II em 23 de setembro de 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=luEE9FbBBOs>

Païni Anna, « Rhabiller les symboles : les femmes kanak et la robe mission à Lifou (Nouvelle- Calédonie) », *Journal de la Société des Océanistes*, n° 117, 2003, p. 233-253.

Paveau Marie-Anne, « Norme, idéologie, imaginaire. Les rituels de l'interpellation dans la perspective d'une philosophie du discours », dans *Corela, L'interpellation*, Actes du Colloque international *L'interpellation. Perspectives linguistiques et didactiques*, 2010, <http://corela.edel.univpoitiers.fr/index.php?id=1797>

Paveau Marie-Anne, « Réalité et discursivité. D'autres dimensions pour la théorie du discours », *Semen*, n° 34, 2012, <http://semen.revues.org/9748>

Paveau Marie-Anne, *Langage et morale. Une éthique des vertus discursives*, Limoges, Lambert- Lucas, 2013.

Paveau Marie-Anne, *Le discours pornographique*, Paris, La Musardine, 2014.

Paveau Marie-Anne, « Ce qui s'écrit dans les univers numériques. Matières technolangagières et formes technodiscursives », *Itinéraires Itc*, 2015, <http://itineraires.revues.org/2313>

Paveau Marie-Anne, « Féminismes 2.0. Discours numériques de la génération connectée », *Argumentation et analyse du discours*, n° 18, dossier « Nouveaux discours féministes », 2017, <https://aad.revues.org/2300> Tradução brasileira: Feminismos 2.0. Usos tecnodiscursivos da geração conectada. Trad. Julia Lourenço Costa IN: COSTA, J. L.; BARONAS, R. L. **Feminismos em convergências**: discurso, internet e política. Portugal: Grácio Editor, 2020.

_____. **L'analyse du discours numérique**. Dictionnaire des formes et des pratiques, Paris, Hermann, 2017 b. Tradução brasileira. Análise do discurso digital: dicionário das formas e das práticas. Campinas, SP: Pontes Editores (no prelo para a publicação).

_____. Le genre: une épistémologie contributive pour l'analyse du discours. IN: Husson A.-C. et al. (org.). **Le(s) genre(s)**. Définitions, modèles, épistémologie, Lyon, ENS Éditions, p. 79- 95, 2018.

_____. La blessure et la salamandre. Théorie de la resignification discursive.,IN: **Stigmatiser** : normes sociales et pratiques médiatiques, actes du colloque du CARISM, online sur HAL : <https://hal.archives-ouvertes.fr/hal-02003667>, 2019.

_____. La resignification. Pratiques technodiscursives de répétition subversives sur le web relationnel. IN: PAVEAU, M-A (dir.). Discours numériques natifs. Des relations sociolangagières connectées. **Langage & Société**. n. 167, 2019/2. 2019a.

_____ ; BARONAS, R. L. & COSTA, J. L. **A resignificação em contexto digital**. 2021. São Carlos, SP: Editora da Universidade Federal de São Carlos e Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - FAPESP.